



APRESENTAÇÃO

A ATUALIDADE DA TEORIA CRÍTICA

Em 1931, na Universidade de Frankfurt, Theodor Adorno proferiu sua conferência inaugural intitulada “A atualidade da filosofia”. Entre questionamentos sobre a possibilidade de o pensamento apreender a totalidade do real, a ontologia e o existencialismo, o neokantismo e a filosofia da vida, as ciências da natureza e a lógica científica, mais que um balanço sobre a filosofia de seu tempo, levantava a questão de uma possível aniquilação da filosofia. Esta, no entanto, permaneceria viva frente aos desafios decorrentes dos avanços das ciências particulares se assumisse como tarefa interpretar fragmentos para formar imagens legíveis que respondessem apenas temporariamente às suas próprias perguntas. Por mais estranho que possa soar, o dissonante programa adorniano para a sobrevivência da filosofia se aproximava de um projeto materialista dedicado a investigar os detalhes do cotidiano, os absurdos, os esquecimentos, aquilo que Freud chamou de escória do mundo dos fenômenos, ou que Marx identificara como os feitiços da forma mercadoria. A interpretação das imagens não simbolizadas e não intencionais da história seria uma importante tarefa da teoria crítica. A seriedade do materialismo estaria no fato de que tais imagens não deveriam se fazer presentes apenas no conhecimento, mas na práxis e na criatividade da *ars inveniendi*. Diante dos que poderiam refutar suas ideias, Adorno defendeu o direito de existência da teoria crítica não por sua irrefutabilidade, mas por sua fecundidade. Nosso dossiê se propõe a uma paráfrase reflexiva da pergunta adorniana: quase um século depois, numa atualidade filosófica cujo cenário se compõe de virada linguística, pós-estruturalismo, pós-modernismo, neopragmatismo, a teoria crítica está em processo de aniquilação ou se faz ainda fecunda?

O centenário das revoluções russa e mexicana, num contexto histórico de conservadorismo e barbárie pelo mundo afora, se apresenta como um bom motivo para que um periódico filosófico revise a teoria crítica. As esperanças e desesperanças nos bolcheviques como sujeitos da revolução foram sempre o espectro que rondou a Escola de Frankfurt. As mudanças de perspectiva histórica de Max Horkheimer do começo dos anos trinta para os anos quarenta, no exílio, são consideráveis. As impressões que Walter Benjamin teve de sua estadia em Moscou ou as críticas de Herbert Marcuse ao stalinismo e ao Estado de

bem-estar social orbitam em torno das perguntas que a história do marxismo formulou para o século XX. Também os importantes estudos de Jürgen Habermas sobre a esfera pública e a ação comunicativa no mundo da vida só poderiam ser concebidos nesse século de questionamentos sobre a liberdade, a democracia e o materialismo histórico. Mais recentemente, as pesquisas de Axel Honneth e Hans Joas, entre outras, adentraram o século XXI buscando formular perguntas para a teoria crítica a partir dos novos movimentos sociais e de possíveis diálogos com as filosofias analítica, da ação, do reconhecimento... poderia a teoria crítica dialogar com as filosofias latino-americanas da libertação, com as denúncias que despontaram com clareza entre os mexicanos sobre a questão da terra, dos camponeses, dos conflitos étnicos e da cultura negligenciada dos países periféricos? Em tempos de reforma trabalhista, vale a pena lembrar que nossos *hermanos* dos *pueblos* mexicanos foram responsáveis pela primeira Constituição no mundo a positivar direitos sociais e econômicos de trabalhadores em 5 de fevereiro de 1917.

O século XXI começou com um ato terrorista reproduzido à exaustão nos aparatos técnicos da sociedade do espetáculo. Dentre as novas formas da barbárie, da indústria cultural, dos campos de concentração, do estado de exceção, dos insuperáveis racismos, dos fundamentalismos e preocupantes eternos retornos de Deus (morto?) – nos meios de comunicação de massa e na política supostamente representativa –, das reedições da guerra fria – mesmo sem União Soviética, mas com Rússia e Coreia do Norte –, das personalidades autoritárias ganhando as redes sociais e as eleições presidenciais, da colonização renovada objetivamente e subjetivamente como obstáculo à formação cultural e psicológica, dentre todos esses temas que se desenvolvem numa dissonante sinfonia da destruição, parece plausível e necessário afirmar a atualidade da teoria crítica. Fazendo justiça a essa tradição e àqueles que por ela foram influenciados, ao não deixar de lembrar a necessidade da teimosia filosófica da utopia, da criatividade, da fantasia e da esperança de que a atitude crítica, mesmo quando se volta contra a própria teoria crítica, sobrevive. Essa é a imagem que cada autor do nosso dossiê, a partir de seu fragmento, ajudou a construir para nossa pergunta.

Na meia-noite do século XX, segundo a narrativa de Olgária Chaim Feres Matos sobre a correspondência entre Benjamin e Adorno, as facticidades em estado de reificação, os elementos históricos dos objetos, poderiam emergir num estado de estupor, naquele que “imerge o sujeito em zonas obscuras de si mesmo”, misturando o passado arcaico a um futuro agora menos desconhecido. Um estudo sobre as cartas, textos periféricos e assistemáticos,

trocadas por dois dos principais autores da teoria crítica entre 1928 e 1940 é um dos melhores começos possíveis para compreendermos algumas das relações entre positivismo, misticismo, mito e dialética que se fizeram centrais às origens da teoria crítica e podem, ainda hoje, tal como as milenares sementes de trigo das pirâmides egípcias, preservar suas forças germinativas.

As controvérsias entre Benjamin e Adorno ressoam nas ondas radiofônicas estudadas por Iray Carone. Em nossa coletânea, é seu texto que abre a discussão sobre as influências da tecnologia na cultura. Não só vídeos e músicas, mas livros, agendas, amizades e tantas outras experiências passaram a caber em telas e mecanismos sonoros cada vez menores, como tablets e celulares. Entre os frankfurtianos a teoria estética não se separa de uma preocupação com os meios de reprodução da arte, o que aprofunda suas análises para o uso das técnicas de mistificação das massas, como no conceito de indústria cultural, ou para as potencialidades estéticas e políticas da reprodução tecnológica. Como não nos deixa esquecer Carone, tais discussões conceituais devem ser investigadas empiricamente.

Com a contribuição de André Francisco Freire Monteiro apresentamos outra importante interpretação da tecnologia, agora a partir de Herbert Marcuse. Além de suas conhecidas raízes heideggerianas, nosso colaborador destaca o Marcuse estudioso de Hegel, Mumford e Veblen. Se, por um lado, o frankfurtiano via na técnica a possibilidade de libertação do trabalho humano, por outro denunciava a forma que a tecnologia tomou na sociedade industrial, tornando-se uma “tecnologia”, um “tecnólogos” ou uma racionalidade tecnológica, que limita a relação da humanidade com o mundo e tem consequências no próprio desenvolvimento da individualidade e da relação do ser humano com a sociedade e consigo mesmo.

Após o contato com uma das facetas do pensamento de Marcuse, apresentamos a visão mais geral da atualidade de seu pensamento. Robespierre de Oliveira aborda as impressionantes antecipações históricas que Marcuse documentou em seus textos sobre a contrarrevolução, ou a reação das classes dominantes às transformações libertárias, como ideologia ou violência direta, na perspectiva das relações globais regidas pelas sociedades industriais. Mesmo antes da intensa implementação do neoliberalismo ou da queda do muro de Berlim, Herbert Marcuse era um crítico radical da tentativa de ver o mundo por uma única perspectiva, reduzindo a humanidade ao homem unidimensional. Muito importante para a

atualidade da teoria crítica, destacamos com Robespierre de Oliveira, é a ênfase de Marcuse sobre as novas sensibilidades e a potencialidade da Grande Recusa.

Gabriela Nascimento Souza apresenta a relação que a crítica adorniana do Idealismo, concentrada no pensamento identitário e avesso à diferença, estabelece também com a exposição filosófica. O materialismo fragmentário e crítico dos sistemas filosóficos, em oposição ao racionalismo, ao idealismo e ao positivismo, encontra no ensaio a expressão mais precisa de sua revolta. A autora considera que tal rigor adorniano é adequado para seu tempo e levanta instigante discussão sobre uma dissonância não bem resolvida entre Adorno e a lógica de Hegel: o primado do objeto adorniano teria superado o primado do sujeito da dialética positiva hegeliana? A dialética negativa, na atualidade, seria a interpretação mais fecunda de Hegel?

Com o próximo colaborador, nosso dossiê começa a tomar outra direção, voltando-se para o diálogo entre a teoria crítica e o pragmatismo. O texto de Rodrigo Oliveira de Araújo apresenta importantes elementos para se compreender como a crítica da razão subjetiva em Horkheimer se estende à leitura frankfurtiana do pragmatismo filosófico estadunidense, principalmente na figura de um importante intérprete de Hegel, John Dewey. A caracterização do pragmatismo como uma filosofia utilitarista e que reduz a compreensão à conduta, atribuída a Horkheimer, levanta uma importante questão epistemológica que será aprofundada no texto de Hans Joas.

Pouco conhecido em nosso país, Joas tem se destacado internacionalmente na teoria social e talvez não aceite ser classificado como membro da Escola de Frankfurt, mesmo sendo bastante próximo do atual diretor do Instituto de Pesquisa Social (a sede física da teoria crítica), Axel Honneth. Seu posicionamento em relação aos autores frankfurtianos é bastante crítico, como podemos constatar em seu artigo, publicado há mais de vinte anos, mas ainda inédito em português. Aqui ele defende a tese de que o pragmatismo, além da pouca semelhança que tem com as interpretações que dele fizeram Horkheimer, Adorno ou Marcuse, é uma alternativa muito mais rica em problemas e soluções filosóficas que boa parte da filosofia alemã do século XX. Apresentamos, portanto, um texto desafiador para os debates da teoria crítica de primeira geração no Brasil – sem esquecer que Joas coloca em xeque importantes teses também da geração habermasiana – que, ao mesmo tempo, propõe um diálogo mais cuidadoso com autores como Wittgenstein, James, Dewey e Mead.

Nos anos oitenta, Hans Joas e Axel Honneth lançaram as bases do que viria a ser a terceira geração da teoria crítica, a partir de seus estudos sobre ação social e antropologia filosófica. Desde sua tese de doutorado, intitulada *Crítica do Poder*, Honneth se debruçou sobre a elaboração de um diagnóstico da teoria crítica. Após a análise dos pensamentos de Horkheimer, Adorno, Foucault e Habermas, chegou à conclusão de que todos padecem do que denominou o “déficit sociológico da teoria crítica”. Diferente de Joas, Honneth assume explicitamente sua filiação frankfurtiana e sua tentativa de reconstrução da teoria crítica como uma releitura, de Hegel a Habermas, baseada na luta por reconhecimento. Uma introdução ao pensamento de Honneth, aqui, foi elaborada pelos espanhóis Benno Herzog e Francesc Hernández.

Como o já citado espectro do proletariado segue rondando a teoria crítica, Luiz Gustavo da Cunha de Souza aborda o relevante tema do destinatário desta teoria, seu processo de delimitação em Marx e Engels e suas transformações na Escola de Frankfurt. Defende a tese de que a definição do cidadão como destinatário não se deu com a versão bidimensional de Habermas, mas recentemente, com Honneth, quando este propôs seu modelo de interação solidária. Para tanto, apresenta noções centrais do mais recente livro de Honneth, publicado em 2015, *A Ideia de Socialismo*, ainda sem tradução brasileira, mas disponível com o belo sotaque lusitano.

Ainda no contexto honnethiano da teoria crítica, Carlos César Barros tenta uma aproximação entre as frequentemente distanciadas teoria do reconhecimento e filosofia adorniana. Para tanto, afirma que já em Adorno é possível identificar um estudo da reificação com base no reconhecimento. Honneth, em seu percurso intelectual, teria se posicionado de diferentes formas em relação a Adorno, a princípio com uma acusação de negligência do social em favor da estética, mais recentemente com o reconhecimento da convergência em termos de denúncia das patologias sociais e busca por potenciais de resistência à dominação.

Rúrion Melo aborda diretamente a atualidade da teoria crítica a partir das questões de gênero e das contribuições de teóricas feministas ao debate sobre a esfera pública, iniciado por Habermas. Ao abordar as relações privadas, afetivas e familiares, o pensamento feminista dá destaque ao corpo, à interseccionalidade, e nos ajuda a levar em consideração os mais diversos sujeitos da transformação social. A partir das reflexões sobre a dominação cotidiana da mulher, podemos aprender muito também sobre a motivação prática de resistência e luta em outras formas de interação.

Fechando o nosso dossiê, temos um artigo que representa o desafio do diálogo entre a teoria crítica e a América Latina, mais especificamente com uma sempre necessária crítica aos princípios e à história da Psicologia em um contexto tão desigual e colonizado como o dos países latino-americanos. Lembram-nos Thaís de Almeida Santos e Stefanie de Almeida Macêdo – com os frankfurtianos e a psicologia da libertação de Martin-Baró, importante psicólogo social salvadorenho e leitor da teoria crítica – do necessário compromisso social das ciências, da educação e da universidade. Em suas vidas de estudantes, para recordar Benjamin, renovam o aroma de esperança em meio ao mofo do farisaísmo acadêmico.

Sem deixar de lembrar que estamos no sertão da Bahia, aprendendo a cada dia com indígenas, quilombolas, pessoas em situação de rua e tantos outros lutadores e lutadoras do cotidiano, encerramos nossa apresentação com uma citação de Max Horkheimer que serve como denominador comum aos contextos e textos aqui reunidos: “a teoria crítica não almeja de forma alguma apenas uma mera ampliação do saber, ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora”.

Grato pela oportunidade que me foi oferecida pela Revista Ideação, desejo a todos uma ótima
leitura!

Carlos César Barros

Organizador